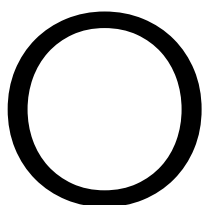


A CONFRARIA DA CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO EM SUPORTE PAPEL E AFINS: UM GRUPO DE DEBATE PARA TROCA DE EXPERIÊNCIAS

The Confraria da Conservação e Restauração em Suporte Papel e Afins: a debate group to exchange experiences

Silvia Helena do Carmo Gonçalves¹ 

1 PALAVRAS DE ABERTURA DO CICLO DE PALESTRAS: DIÁLOGOS SOBRE PAPEL



ano de 2021, durante a pandemia de covid-19, foi o marco inicial dos contatos on-line da Confraria da Conservação e Restauração em Suporte Papel e Afins, que ainda mantém esse formato em seus encontros. A iniciativa buscou reunir profissionais de reconhecida experiência para debates de caráter transdisciplinar, não acadêmico (embora alguns membros exerçam atividade acadêmica) e sem limites de alcance geográfico (embora o grupo tenha como sede-referência a cidade de São Paulo). No presente momento, a Confraria conta com oito integrantes, que, baseados nos mencionados critérios, têm como objetivo o compartilhamento e o amadurecimento de teorias e boas práticas, aplicadas e construídas ao longo de décadas, por meio de vivência relevante em

¹ Graduada nos anos 1980 pela FAAP em Artes Plásticas, com atuação em vários segmentos da área. De 2006 até 2021, dedicou-se à conservação/restauração e encadernação de livros públicos de óbitos, em grandes formatos, para consultas e obtenção de informações de todas as ordens. No presente momento, dedica-se à Confraria da Conservação e Restauração em Suporte Papel e Afins.



bibliotecas e arquivos, bem como em laboratórios e oficinas de conservação e restauração. Comprometidos, como guardiões de memória, com a longevidade dos registros, os membros têm promovido debates e trocas de experiências que permitam o aperfeiçoamento de técnicas e o encontro de soluções voltadas à descrição material de ações de conservação e restauração, aplicáveis, por exemplo, a livros raros, manuscritos, fotografias, mapas, plantas, desenho e gravuras.

A logomarca da Confraria é bastante expressiva para o grupo, pois traduz a nossa representatividade frente ao objeto livro. Representando um livro aberto e folhas em movimento, tal logomarca remete à sua peculiaridade intrínseca — desde a forma física do texto, impresso ou manuscrito, com todas as suas facetas e significados, até os demais aspectos físicos, que dão estrutura ao volume, juntamente com a encadernação aplicada. Há muita simbologia presente em nossa logomarca, sobre a qual poderíamos discorrer por horas.

Sempre pertinentes, nesse contexto, são as expressivas palavras de Jorge Luis Borges, em seu ensaio “O Livro” (2011, p. 7-14):

Dos vários instrumentos do homem, o mais surpreendente é, sem dúvida, o livro. Os outros são extensões do seu corpo. O microscópio, o telescópio são extensões da sua visão; o telefone é uma extensão da sua voz; depois temos o arado e a espada, extensões do seu braço. Mas o livro é outra coisa: o livro é uma extensão da memória e da imaginação. [...] Se lemos um livro antigo é como se lêsemos todo o tempo que passou desde o dia em que foi escrito e nós. O livro pode estar cheio de erros de digitação, podemos não concordar com o autor, mas ainda preserva algo sagrado, algo divino, não com respeito supersticioso, mas com o desejo de encantar a felicidade, de encantar a sabedoria.

Também Wilson Martins (1996, p. 252) tem palavras pertinentes sobre o tema:

O LIVRO É TAMBÉM ESPÍRITO

Com efeito, não podemos perder de vista que o livro não é, apesar de tudo, uma mercadoria como as outras. Ele tem um aspecto nobre, representado por suas origens espirituais e pelos fins a que se destina. Seu emprego próprio não exclui, antes pressupõe, a delicadeza de trato, o bom gosto, a finura intelectual, os ambientes em que a inteligência e não a matéria deve reinar soberanamente. Mesmo quando, na mão de um professor ou de um escritor, ele não passa de um “instrumento de trabalho”, de uma “ferramenta”, o livro guarda a sua superioridade própria e venerável de veículo privilegiado, de forma pela qual a ideia se materializa e transmite. Assim, tanto quanto possível, o livro deve ser belo e valioso inclusive como objeto e deve ser agradável à mente. Reduzi-lo à condição de mera mercadoria é vilipendia-lo, é humilhá-lo na sua natureza e, o que é pior, é tornar o homem indigno dele.

Obrigada.



REFERÊNCIAS

BORGES, J. L. **Borges Oral & Sete Noites**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MARTINS, W. **A Palavra Escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **OFFICINA: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) (CC BY) 4.0 International.

